

Libras: uma língua em ascensão e os caminhos da dialetologia

Amanda dos Reis Silva (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia)
Louise Henrique Santana dos Anjos (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia)

Palavras-chave: Libras. Atlas Linguístico. Dialetologia.

Resumo:

A Libras foi oficializada no Brasil a partir da lei 10.436 de 2002 e regulamentada pelo decreto 5.626 de 2005, após longos pleitos da comunidade surda brasileira. Essa legislação trouxe novas perspectivas para tal comunidade, contudo, a luta não se findou, tem sido contínua, a fim de garantir direitos, acessibilidade e, especialmente, conhecimento linguístico específico. A diversidade é inerente a toda língua natural, espontaneamente adquirida por distintas comunidades de falantes, como é o caso da Libras. Essa matéria é pauta de disciplinas como a Dialetologia e a Sociolinguística. No que é mais específico à Dialetologia, a Geolinguística configura-se, desde os momentos iniciais, como seu método primordial. A Geolinguística no Brasil é, sobretudo, uma geografia linguística do português falado, no cenário de um país multilíngue, como demonstram a publicação de oito atlas estaduais, um regional e dois volumes de um atlas nacional (Cardoso et al, 2014), todos referentes à língua portuguesa. Tratando-se de Geolinguística, ainda não há disponíveis atlas que deem conta da Libras e proporcionem uma visualização da distribuição diatópica de variáveis e variantes linguísticas. Existem, no país, diversos trabalhos que lidam com dados concretos acerca da Libras, consoante vem sendo registrado pelo projeto *Corpus Libras*, na Universidade Federal de Santa Catarina (Quadros et al, 2020). Porém, como se observa em uma busca no banco de dados, boa parte desses trabalhos voltam-se para as práticas de ensino-aprendizagem da língua. Vinculado a ele, há, também, o projeto *Inventário Libras*, que realiza entrevistas com surdos, de modo a registrar dados linguísticos que possam servir ao estudo da diversidade. No que concerne a línguas de sinais estrangeiras, não se obteve êxito ao buscar informações sobre pesquisas geolinguísticas. Essa limitação nas pesquisas endossa a necessidade de continuidade e efetivação de projetos, a fim de contribuir com a solidificação dos estudos linguísticos da Libras e estimular a constituição de novos *corpora*, para que se compreendam os trilhos linguísticos em uma língua de modalidade gestual-visual com pouco tempo de oficialização. Este trabalho, então, articula-se com a finalidade de propor a construção de um atlas linguístico da Libras, a partir da coleta de dados em áreas do estado da Bahia, sua posterior análise e cartografia. Serão discutidos, nesse sentido, aspectos metodológicos necessários à realização de tal empreitada. Do ponto de vista linguístico, este será um atlas semântico-lexical. Serão coletadas realizações vocabulares para conceitos, tomando por base estudos previamente realizados sobre a Libras e, também, a lista de vocábulos selecionada pelo projeto *Inventário Libras*. É esperada uma etapa de testagem do instrumento de coleta e treinamento dos entrevistadores envolvidos. Prevê-se a escolha da rede de pontos com base em aspectos sociais, demográficos e, sobretudo, quanto à expressividade da população surda nas localidades. Para isso, serão feitas pesquisas bibliográficas e documentais, que incluirão fontes como os dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e o Instituto Nacional de Educação de Surdos. Quanto aos informantes, estima-se que sejam entrevistados individualmente, por meio de chamadas de vídeo, as quais serão gravadas. Serão selecionados indivíduos nativos das localidades ou que tenham chegado a elas antes da adolescência, com base no sexo (homens e mulheres), faixas etárias, escolaridade e letramento em língua portuguesa. Para a posterior transcrição dos dados e cartografia, serão alinhavados

conhecimentos pertinentes à escrita de sinais, às técnicas de transcrição de dados linguísticos e à cartografia temática. Acredita-se que, mediante a elaboração desse atlas, além de proporcionar conhecimento acerca das variedades da Libras na Bahia, serão oferecidos dados atualizados a estudiosos de outras áreas dos estudos linguísticos da Libras, subsidiando melhorias no que tange ao ensino, às políticas públicas e à própria cultura surda no Brasil.

Referências:

- Brasil. *Lei 10.436 de 24 de abril de 2002*. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em 18 jan. 2021.
- Brasil. *Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005*. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 18 jan. 2021.
- Cardoso, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. 2014. *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: EDUEL.
- Quadros, Ronice M. de.; Schmitt, Deonísio; Lohn, Juliana T.; Leite, Tarcísio de A. et al. *Corpus de Libras*. Disponível em <http://corpuslibras.ufsc.br/>. Acesso em fev. 2021.

A REALIZAÇÃO DAS VOGAIS TÔNICAS ANTERIORES E POSTERIORES NOS DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Palavras-chave: Atlas Linguístico do Brasil, Estudo Fonético, vogais, falares e subfalares.

Vanderci de Andrade Aguilera (UEL/CNPq)
Fabiane Cristina Altino (UEL)

Resumo:

Muito já se estudou sobre a abertura das vogais pretônicas anteriores e posteriores no Português do Brasil, sobretudo quando indicadora de áreas dialetais (Mota, 2014). Com este propósito, Nascentes (1953) identificara duas grandes áreas dialetais: uma correspondente ao Falar do Norte, caracterizada pela abertura das vogais pretônicas /e/ > /E/ e /o/ > □ e outra, ao Falar do Sul, com o fechamento dessas vogais. Cada um desses Falares compreende outros subfalares, como o Amazônico, o Nordeste, o Baiano, o Fluminense, o Mineiro e o Sulista. Seguindo os estudos sobre o fenômeno, o Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, no intuito de verificar, contemporaneamente, a distribuição dessas vogais, inseriu nos Questionários uma série de perguntas cujas respostas levariam à identificação da forma pela qual as vogais pretônicas se realizavam pelo espaço brasileiro. Como primeiros resultados do levantamento feito pelo projeto, foram publicadas as cartas F1, F2, F3, F4 do ALiB (Cardoso et al, 2014) que mostram a distribuição diatópica e diastrática de /e/ e de /o/ por meio dos dados coletados nas capitais. Sobre outros aspectos da realização das vogais e numa visão impressionista, notamos que há palavras do Português Brasileiro que admitem duas pronúncias: *crochê* e *croché*; *carpê* e *carpét*; *xeróx* e *xérox*. Ferreira (2004), por exemplo, registra apenas *crochê*; para *carpê*, forma usual no norte paranaense, o lexicógrafo traz como entrada *carpete*, sem indicar se a vogal tônica é aberta ou fechada; no caso de *xeróx*, também forma mais comum do falar norte paranaense, Ferreira (2004) traz as duas entradas, indicando como preferencial a forma paroxítona. Na esteira desse raciocínio e atentando para os resultados obtidos por ocasião da coleta para o Atlas Linguístico do Brasil, nas capitais, observamos que algumas perguntas trazem o /e/ e o /o/ em sílaba tônica cuja realização ora mostra a abertura, ora o fechamento dessas vogais. É o caso das questões 14 – *fecha*, 23 – *grelha*, 68 – *poça*, 103 – *pego* e 127 – *vômito*, do Questionário Fonético-Fonológico (Comitê Nacional, 2001). Por ser um fato fonético raramente estudado, propomos fazer um levantamento das respostas dadas a essas questões pelos falantes das 25 capitais investigadas pelo ALiB e verificar se as variáveis sociais: localidade, sexo, faixa etária e escolaridade condicionam tais realizações. O *corpus* constitui-se das respostas dadas por 200 informantes, isto é, oito informantes em cada uma das 25 capitais, estratificados segundo o sexo, a faixa etária e a escolaridade. Temos, ainda, como objetivos: (i) verificar qual distribuição tais variantes (abertas e fechadas) seguem; (ii) cotejar estes registros aos que se refere Nascentes (1953) que preconizou uma forma específica do falar do Sul e outra do Norte e de seus respectivos subfalares; e (iii) ilustrar, embora trabalhem com dados apenas das capitais, a distribuição dessas variantes por meio de cartas fenotípicas, conforme modelo idealizado por Romano, Seabra e Oliveira (2015), buscando demonstrar a tendência de formação de áreas dialetais. Os resultados preliminares delineiam algumas áreas de predominância das variantes, aproximando nossas conclusões às do nosso antecessor. Apontam, também, para a atuação de fatores puramente diatópicos, sem aparente influência das variáveis linguísticas (como ocorre no caso das vogais pretônicas) e das extralinguísticas investigadas pelo ALiB.

Referências:

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et al* (2014). *Atlas Lingüístico do Brasil* vol 2. Londrina: EDUEL.

COMITÊ NACIONAL (2001). *Atlas Lingüístico do Brasil: questionários*. Londrina: EDUEL.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (2004). *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*, 3. ed. Curitiba: Positivo.

NASCENTES, Antenor (1953). *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] - Software para geração e visualização de cartas linguísticas (2014). *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, n.1, p.119-151.